DEPÓSITO LEGAL
Vol. 2º
n.º 2
BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA



AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO
REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA
E IMPRESSÃO OFFSET DA
FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.
RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958



Ava Gardner

A mulher que continua a esperar pelo amor...

ERA um entardecer frio do mês de Dezembro.

Na pequena granja que o casal Gardner habitava, em Smithfield, Carolina do Norte, havia naquele dia uma desusada animação, um constante vai-vem de pessoas, de mulheres que entravam e saiam na casa com o rosto preocupado e atento. Mary Elisabeth Gardner, a esposa do granjeiro, aguardava o seu quinto filho. Era a mais querida de todas as vizinhas da comarca: boa dona de casa, gentil, correcta, boa mãi e esposa dilecta. Todos lhe queriam e todos queriam ajudá-la. Família e visinhos trabalhavam em conjunto porque estavam na véspera do dia de maior festa do ano: a véspera do Natal.

— Bom sinal, Tomás — disse uma das visinhas ao passar junto do granjeiro — O Divino Menino vai trazer-te o que tanto desejas. Verás; desta vez, Mary Elisabeth vai dar-te um filho, um formoso menino como Ele.

Jonas B. Gardner sorriu. Sim, era um bom sinal que o seu quinto filho viesse ao Mundo no mesmo dia que o Redentor. Mas, seria realmente um rapaz? Jonas desejava-o de todo o coração. Apoiado



Com um sugestivo trajo de praia ou com um distinto casaco de peles, a presença da famosa «estrela» é sempre perturbante...

que Ava se descobriu a si mesma, ao ter a fortuna de trabalhar nada menos que ao lado de Clark Gable. A personalidade daquele actor era tão forte que a rapariga sentiu-se estimulada e trabalhou melhor do que nunca. Foi nessa altura que Ava descobriu que trabalhar no cinema era divertido e apaixonante. A película foi um autêntico êxito. Crítica e público elogiaram a «estrela», classificando-a de primeira figura. Um jornal novaiorquino disse: «Ava Gardner não é só a mulher mais formosa de Hollywood, a cara bonita que estávamos acostumados a admirar. Nesta película desafia valentemente o «slogan»: «A maior beleza com menos cérebro», mas o que é certo é que Ava demonstrou-nos possuir além dum físico formoso, uma inteligência natural e bastante perspicácia...». Sim, foi um êxito completo. O seu primeiro grande êxito como actriz. Mas Ava é, além de tudo, mulher, e os êxitos de actriz deixaram-na indiferente. Ela queria triunfar como mulher, e por isso o seu segundo fracasso matrimonial feriu-a profundamente. Naquele ano de 1946 — o ano da sua consagração como actriz — Artie Shaw divorciava-se dela.

★

Outra vez livre, em plena forma dos seus encantos, rica em experiência, saberia Ava, daí em diante, manejar o seu coração ou continuaria a deixar-se influir pela sombra da sua adolescência atormentada? Naquela altura refugiou-se em sua casa, no alto de uma colina perto de Hollywood.

Sua irmã Beatriz — Bappie, como ela lhe chamava — foi viver com ela, e ali, durante algum tempo, as duas irmãs fizeram vida de eremitas. Sem palmeiras, sem piscina, sem adoradores, Ava começou a recuperar-se a si mesma. Como? O processo foi demorado, doloroso e difícil... Custou-lhe muito compreender que para ser feliz tem que se saber conviver com os outros. Pouco a pouco a confiança em si mesma foi chegando como uma rajada de ar fresco e agradável. Soube o que desejava e aprendeu a amar os livros (Os livros, causa de tanta zanga com Artie), a música... O trabalho ajudou-a muito também. Depois do êxito de «The Hucksters», seguiu-se «Uma aventura em Singapura», «Vénus era Mulher», «O Grande Pecador», «Mundos Opostos», «Soborno»... Naqueles dias andou muito com Howard Duff. As pessoas começaram a murmurar, falou-se de um idílio entre ambos. Disse-se até que não tardaria em ser a senhora Duff. Bappie alarmou-se:

— Tem cuidado, Ava. Preocupa-me a tua amizade com Howard...

— Não, Bappie, não te preocupes. As pessoas todos insistem em que há um noivado entre Howard e eu... Mas todos esquecem — e tu és a primeira — de que eu mudei muito. Já não sou a mesma. Tardei a amadurecer, mas... Dantes um homem tinha que ser sensacional, ou então não me interessava. Não conhecia o meio termo. Agora, cheguei àquele estado ideal em que se pode olhar para um homem por simples amizade. E parece-me que isto é um sinal de amadurecimento, não? Eu assim o espero. Howard não é mais que um bom amigo. Sinto-me



Ava e Sinatra em Nairobi, quando das filmagens de «Mogambo». Nessa altura, Sinatra fazia as últimas tentativas (infrutíferas) de reconciliação...

bem a seu lado... Mas disso ao amor... Não, Bappie, não; não quero voltar a enamorar-me. O amor é cruel... E demais o verdadeiro amor, esse pelo qual eu seria capaz de renunciar a tudo, não existe... Ou, pelo menos, parece não existir para mim. O meu destino é ser actriz, nada mais que actriz... Que havemos de fazer! Agora só quero trabalhar, progredir e subir...

Bappie olhou-a, incrédula. Sabia que Ava vivia sob a atracção do amor, e que lhe seria impossível viver sem ele. No dia em que encontrasse o homem da



no umbral da porta, enquanto fumava o cachimbo, contemplava com amor as suas quatro filhas: Beatriz, Elisabeth, Janet e Ann, que brincavam não muito longe dele. Não era que não amasse suas filhas, mas sentia a falta de um varão, um rapazinho robusto e forte como ele, que calcorreasse a seu lado pelos vales e prados, um rapaz a quem ensinasse a montar e a domar cavalos, que o ajudasse nos trabalhos de lavoura, que perpetuasse o seu nome e, quando ele faltasse, pudesse tomar conta daquele pedaço de terra e daquela casa, que juntamente com sua mulher e suas filhas, constituiam todo o amor da sua vida.

Na tarde que caia, o pálido sol tombava sobre o jardinzinho penetrado através das arvores nuas. Aquela região da Carolina do Norte tinha a terra rugosa, semeada de colinas vermelhas e de grandes massas de graniti, e era uma região onde se conhecia o mais gélido inverno e o mais torrido verão. Naquele ano, no entanto, em vésperas de Natal, a tarde estava aprasível e tranquila.

Jonas pensou em sua mulher que lá em cima, estava sofrendo para lhe dar o filho que ele tanto desejava. Queriam-se muito, constituiam um deses matrimónios modelo, para quem o mutuo amor, mesmo depois de casados há bastantes anos, era o mais essencial das suas vidas. Não, Mary Elizabeth não podia decepcioná-lo... outra vez. O filho varão seria o culminar do seu amor.

Mas o destino às vezes é teimoso e travesso. Quando Jonas, ao ouvir o primeiro choro da criança, correu alvoraçado pelas escadas acima, sua mulher extenuada e quasi temerosa não se atreveu a olhá-lo de frente. Uma visinha estendeu-lhe, em silêncio, o monte informe de carnes e roupas.

— É uma menina, Jonas... Outra menina... — disse Mary Elizabeth com um soluço entrecortado. — E tão pequenina...

E, com efeito, a menina era magrinha e tão feia... Jonas resignou-se.

Não haveria filho varão que perpetuasse o seu nome, não haveria correrias a cavalo, brincadeiras masculinas... Outra vez bonecas, lacinhos, folhos... E que mal, Santo Deus, iriam assentar laços e folhos na recém-nascida!

A pequena Ava, pois foi assim que a baptizaram, cresceu feia e desajeitada, contrastando cada vez mais com a beleza e robustez das suas irmãs mais velhas. Era rebelde, gostava de trepar às árvores e comportava-se como um garoto; andava sempre entre os rapazes, com se fosse um a mais entre eles, tão audaz como o mais atrevido deles todos: o que não impedia de sentir ás vezes uma grande timidez para com aqueles que não eram seus amigos ou da sua família

Encantava-a correr descalça pelos prados. Era um costume de pequena Ava que irritava sua mãe:

— Ava, pelo que mais queiras... Não andes assim descalça pela erva...

Recorda-te de que és uma menina... E demais podes apanhar uma pneumonia... A quem terá saído esta criança, meu Deus?

Ava ria-se. Tinha o riso sempre pronto e fácil e ao rir-se mostrava muito os dentes, uns dentes demasiado grandes que davam à sua carita sardenta e magrinha uma expressão quase desagradável.

Tinha o cabelo castanho, quase vermelho, e tão indomável que era impossível conseguir que a menina tivesse sempre um aspecto apresentável. Só os olhos, de um verde muito profundo, sobressaem nela, prometendo o que mais tarde havia de chegar a ser.

Quando, aos sete anos, seus pais a mandaram para a escola pública de Smithfield, Ava não demonstrou nenhum talento extraordinário. A sua timidez impedia-a de sobressair entre as suas companheiras. Sentia-se mal fora de casa, e a própria conciência da sua falta de graça e atractivo faziam-na concentrar-se mais em si mesma. As outras crianças ignoravam-na.

Assim, sem pena nem glória, passou Ava os primeiros anos da sua infância, só se sentindo feliz na sua casa rodeada pelos seus pais e irmãs, a quem admirava pela beleza e inteligência, especialmente a sua mãe, que exercia sobre ela uma grande influência. Preocupada com o seu futuro, Mary Elisabeth decidiu um dia abordar seu marido.



Desde os seus primeiros passos na carreira cinematográfica, a beleza de Ava Gardner esteve sempre em primeiro plano.

— Diz-me, Jonas, que pensaste com respeito ao futuro de Ava? Esta pequena preocupa-me mais que qualquer delas... É tão diferente das suas irmãs... Sei que qualquer delas, Beatriz, Elisabeth, Janet ou Ann encaminhariam as suas vidas sem qualquer tropeço. Não será difícil a qualquer delas encontrar um bom marido... Mas Ava... É tão feiazita, tão tímida... Que irá ser dela quando nós lhe faltarmos?

Jonas concordou. Sua mulher tinha razão. Também ele já tinha pensado mais de uma vez no que ia ser daquela rapariga insípida e magrizela, que era a sua filha mais nova. Como a trataria a vida? Seria capaz, dentro da sua timidez, de enfrentar-se com ela? Ah, se Deus o tivesse querido escutar, e em lugar de uma menina lhe tivesse dado um rapaz! «Os meninos causam menos preocupações aos pais...», pensava o pobre homem, que nunca se tinha podido conformar com aquela partida do destino, aquela «fraude», como ele dizia.

— Creio, Mary Elisabeth, que o melhor será encaminhar a menina para uma profissão qualquer. Podia tirar o curso comercial, por exemplo, e depois ir para secre-

tária duma empresa qualquer... Já sei que a pequena não é muito esperta... mas para calcar todo o dia o teclado duma máquina não é preciso muito talento. E quem sabe: pode ser que no escritório encontre depois um bom rapaz que queira casar com ela... Se conseguir vencer a timidez, claro está... Esta menina é tão esquisita...

(No entanto, Ava já estava enamorada, apesar dos seus poucos anos. Não tinha dito a ninguém: qual moderna Dulcineia, guardava para si, com ruboroso silêncio, o seu segredo. O seu Príncipe Encantado era... o carniceiro, um belo rapaz, que todos os sábados deixava em sua casa a carne que a família Gardner deveria consumir).

O casal ficou de acordo e Ava foi matriculada no «Atlantic Christian College», de Wilson, também na Carolina do Norte. O tempo que passou no colégio não foi agradável para Ava. Ali perdeu a pouca serenidade que tinha conseguido no seu lar. As outras raparigas faziam vista, coqueteavam, eram formosas e, para mais, tinham dinheiro, o que a fazia sofrer terrìvelmente, criando-lhe um complexo de inferioridade.

Uma manhã, um rapaz duma classe superior, convidou-a para sair com ele. Era um rapaz a quem Ava admirava em silêncio: bonito, simpático, alegre e desenvolto; tinha tudo o que faltava a Ava. E novamente Cupido a envolveu entre as suas redes. Aquele convite foi para a rapariga um verdadeiro acontecimento, acostumada como estava a que ninguém se fixasse nunca nela. Ficaram combinados para as cinco da tarde. Era a sua primeira saída com um rapaz. Sentia-se tão feliz e tão nervosa que não conseguiu arranjar-se como desejava, mas apenas o indispensável. Aquele homem parecia-lhe o mais divino dos mortais. Penteou-se várias vezes; escolheu, vagarosamente, o vestido que ia levar... Às quatro e meia já estava pronta para correr ao encontro do seu Príncipe Encantado. «Se ao menos não fosse tão magra, meu Deus!», pensou, dando uma volta diante do espelho.

Foram ao cinema, depois tomaram uns gelados. Ava sentia-se tão feliz... tão feliz como nunca o tinha sido. Mas foi incapaz de pronunciar uma única palavra. A sua timidez e falta absoluta de «coqueteria» punham-lhe um nó na garganta, fazendo-a parecer insípida e fria. O rapaz acabou por aborrecer-se. Ao despedir-se dela, à porta do Colégio, deixou-a com um simples: — Até à vista, Ava...

A rapariga subiu as escadas a correr, e deitando-se sobre a cama, chorou amargamente toda a noite. «Não voltará a convidar-me, estou certa... Sou uma tonta, uma tonta...».

Com efeito, o rapaz não voltou a convidá-la. Nem ele nem nenhum outro rapaz do Colégio. Aquilo acabou por desmoralizar Ava. Nas férias da Páscoa, quando regressou a casa, estava decidida a não voltar. E, assim, disse a seus pais:

— Não quero voltar para o Colégio, pai. É inútil que continuem a gastar dinheiro comigo... Não sirvo para estudar, qualquer coisa que faço é um esforço terrível para mim... E demais...

— Tonterias, filha! Isso passa sempre nos primeiros tempos. Depois vais-te acostumando, verás...

Mas Ava sabia que nunca se acostumaria. Sabia, sobretudo, que não poderia continuar a suportar a indiferença dos companheiros, e saber-se pouco dotada física e intelectualmente. Mais duma vez suas irmãs mais velhas a foram surpreender mirando-se fixamente diante do espelho.

— Que fazes aí, Ava? Que estás a olhar tão fixamente?

— Estou a convencer-me de que sou muito feia — respondia a rapariga friamente. — Olhai: a minha cara é excessivamente triangular, sou sardenta, com o cabelo vermelho, muito magra, e os meus dentes... Oh, bom, os meus dentes são simplesmente monstruosos...



O veterano Clark Gable foi o seu galã em «Mogambo».

As irmãs tentavam convencê-la de que tudo aquilo não tinha a menor importância, de que era tudo imaginação sua.

— Tudo mudará quando fores uma mulher, Ava. Pensa que agora ainda és uma menina... E que estás no que a gente chama «a idade ingrata»...

Mas Ava sentia-se desgraçada e ia-se concentrando cada vez mais em si própria. O que ela chamava o seu fracasso amoroso pesava sobre o seu ânimo de um modo terrível

Voltou, apesar de tudo, ao colégio, e não estranhou que, no final do curso, ninguém se lembrasse de oferecer-lhe um papel na comédia que se ia representar. Assistiu sòmente como espectadora. Graduou-se e dispôs-se a ocupar na vida o lugar que parecia estar-lhe destinado: acabar os seus dias como estenógrafa de um escritório.

★

Mas, afortunadamente, o Destino velava por ela. Antes de encerrar-se num escritório e afogar as suas penas de amor entre sinais de taquigrafia, Ava quis desfrutar dumas pequenas férias. Propôs a seus pais que a deixassem ir a Nova Iorque a casa de sua irmã Elisabeth, que durante a sua estadia no Colégio tinha casado com um fotógrafo de publicidade chamado Larry Tarr, a quem ela não conhecia ainda. Pensou, no entanto, que aquela seria uma boa altura de estreitar os laços familiares Embora um pouco contra vontade, sua mãe teve que ceder; e foi assim que chegou a insignificante Ava à cidade dos arranha-céus. Aquela visita devia mudar inesperadamente a rota do seu destino.

Na estação aguardavam-na sua irmã e seu cunhado. Ao descer do comboio, Elisabeth quase não a conheceu.

— Mas, Ava, que mudada estás! E como cresceste!

— É que tenho já dezassete anos, irmã... Mas podes ver que continuo tão feia como dantes...

— Feia? — inquiriu, surpreendido, Larry. — Quem te disse que és feia?

— Ora! Todo o mundo o diz...

— Que absurdo! O teu cabelo, os teus olhos são preciosos... Ouve, Elisabeth, dás-me licença que durante estes dias em que ela vai estar connosco eu maquilhe a tua irmã?

— Oh, sim! Experimenta, porque não?

E, com efeito, debaixo da inteligente direcção de seu cunhado, cada um dos



Ava é uma viajante insaciável, e utiliza o avião com a mesma frequência com que um cidadão vulgar se serve do «eléctrico»...

defeitos de Ava ficaram convertidos em atractivos físicos. A mudança foi surpreendente. O cabelo apanhado atrás dava lugar a que a cara aparecesse excessivamente triangular, depois de penteada; os traços do rosto adquiriram maior doçura; os olhos verdes, ligeiramente sombreados, obtiveram maior profundidade. Os lábios, retocados por um vermelho muito suave, ao sorrir timidamente deixavam a descoberto os dentes, grandes mas muito brancos, que agora lhe davam um tom pessoalíssimo.

Larry estava encantado com a transformação.

— Agora vou retratar-te, Ava. A verdade é que eu fiz maravilhas contigo...

Sim, era certo. A própria Ava o reconhecia, e estava muito agradecida a seu cunhado. E demais, aquilo de tirar o retrato sem que lhe custasse um cêntimo, parecia-lhe divertido. Uma tarde em que ambos estavam entretidos a escolher uma «pose» mais sedutora, um desenhador duma grande empresa de publicidade, amigo de Larry, foi visitá-lo ao estúdio.

Homem experimentado e bom conhecedor dos rostos que mais poderiam chamar a atenção do público, assim que viu Ava ficou encantado. Examinou as fotografias que Larry lhe tinha tirado e, sem pensar mais, propôs:

— Ouve, Larry: sabes que represento a Agência Comercial de John Powers e que tenho plenos poderes para escolher os nossos modelos. Se tu não te opões, eu contrato esta menina para que «pose» para nós, como rosto anunciador de diferentes produtos. Para mais, contrato-te a ti; tu serás o seu fotógrafo...

Ava julgou sonhar. Ela escolhida para modelo! Que absurda era a vida! Depois de passar dezassete anos a julgar que era feia, que não tinha atractivos... Realmente, Larry devia ter feito maravilhas com o seu rosto...

Regressou a Smithfield entusiasmada, e contou a seus pais tudo o que lhe acontecera em Nova Iorque. Os Gardner mostraram-se cépticos apesar da generosidade da oferta comercial. Mas não se atreveram a tirar as ilusões a sua filha...

Ava instalou-se em Nova Iorque em casa de sua irmã. E muito depressa a sua cara invadiu a capa das melhores revistas americanas. Pastas dentríficas, refrescos, jóias, cremes de maquilhagem, vestidos das melhores modistas, chapéus... tudo anunciava com o seu sorriso e a beleza exótica da assombrada Ava. Pois a rapariga não queria acreditar que fosse ela mesma aquela vampe que, em grandes cartazes, saía ao encontro dos carros de turismo, e sorria desde as primeiras páginas das revistas da actualidade. Não, não podia acreditá-lo... apesar de ver-se retratada em todos os lados.



É uma mulher cem por cento prática. Ei-la a despachar a sua correspondência durante um intervalo de filmagens, com o próprio trajo de cena.

Larry Tarr, julgando-se pouco menos que um novo Pigmalião, estava tão entusiasmado com o seu «triunfo» que, sem dizer nada a sua mulher nem a sua cunhada, um belo dia pegou na melhor fotografia que tinha de Ava e enviou-a para os estúdios da Metro-Goldwyn-Mayer, em Hollywood. Claro que ao fazê-lo não pensava só no futuro de Ava, mas também na possibilidade de, ao verem a qualidade da fotografia, os directores da Metro o contratassem para trabalhar como fotógrafo nos Estúdios. Mas os directores não se fixaram na fotografia, mas sim na expressão terrìvelmente enigmática, e doce ao mesmo tempo, do modelo. Os olhos, verdes, tinham um poder tão sugestivo, tão hipnótico, quase podemos dizer... que decidiram a sorte de Ava. Chamaram-na de Hollywood pelo telefone. Desconfiada, como sempre, Ava não tomou a sério esta chamada, e não quis ir ao telefone.

— Mas Ava, que disparate... Porque não hás-de responder?

— É uma brincadeira, estou certa... Algum gracioso que quer divertir-se à minha custa...

Mas não era brincadeira. Daí a poucos dias um representante da Metro em Nova Iorque apresentou-se em sua casa para lhe pedir que fosse aos escritórios para se submeter a uma prova.

Por causa do seu sotaque do sul, pediram-lhe que não falasse, e como também não tinha conhecimentos dramáticos não representou. A prova reduziu-se a uma série de primeiros planos. Os «buscatalentos» de Hollywood convenceram-se ràpidamente, não só do poder fascinante dos seus olhos verdes, mas também da sua figura verdadeiramente arrebatadora. O resultado da sua fotogenia foi um contrato.

O seu caminho estava definitivamente traçado a partir daquele instante — um caminho bem diferente do que em princípio parecia estar-lhe destinado.

De secretária comercial a artista de cinema... o salto não



Em «A Bela e o Renegado» coube-lhe outro galã da «velha guarda»: Robert Taylor.

deixava de ser perigoso para a tímida Ava.

★

Em Hollywood, onde chegou em Julho de 1941, Ava voltou a sentir, mais violentamente do que nunca, a incerteza e a desconfiança em si mesma que a atormentavam em menina. Sentia-se como que transplantada na cidade do cinema. Compreendeu, de repente, que para permanecer ali tinha que seguir um ritmo de vida determinado: ir a passeios, restaurantes, clubes nocturnos... Conviver com pessoas, vencer a timidez... E tudo aquilo lhe parecia tão difícil e tão inútil! Ela continuava a sonhar com amor, com o Príncipe Encantado. A sua verdadeira ambição era ter um lar, um marido que gostasse dela, e muitos filhos... O ponto vulnerável de Ava era o coração: ela sabia, sofria uma sede permanente de amor... Qualquer outra rapariga no seu lugar tinha chorado de emoção ao ver-se solicitada nada menos que por um dos estúdios mais importantes de Hollywood. Ava, pelo contrário, depois de pôr a sua assinatura no contrato, limitou-se a dizer simplesmente:

— Deve ser divertido fazer filmes...

No entanto, no seu íntimo, continuou a desejar a chegada do seu Príncipe Encantado.

Enquanto estudava dicção e arte dramática, os estúdios colocaram-na como figura decorativa, sem falar, em várias películas. Ava tinha ainda muito que aprender; era certo que sabia colocar-se, como ninguém, diante das câmaras; era certo, também, que sabia dar ao rosto a expressão precisa para o momento, mas faltava-lhe desenvoltura e, sobretudo, tinha que corrigir o seu acentuado sotaque. Tardou bastante em actuar de verdade diante das câmaras. Aquilo aborrecia Ava; fazer películas não era o que ela tinha imaginado; o estúdio parecia-lhe triste; e passar horas e horas debaixo dos projectores, era monótono e sem sentido... E ainda por cima tinha que estudar, estudar sempre... Dança, dicção, arte dramática... Claro que agora as assinaturas eram muito mais divertidas. Ava gostava muito de dança. Pouco a pouco foi tomando gosto também pelos outros estudos; agora era tudo mais fácil e compreensível do que os extractos de contas e os signos de taquigrafia. À medida que se esforçava por aprender, Ava foi perdendo a timidez. Já não se retraía, e os companheiros eram agora simpáticos e agradáveis. Começou a ter intimidade com alguns deles, a assistir a festas na sua companhia... E um belo dia conheceu Mickey Rooney. Era um rapazinho baixo, loiro, muito alegre e com uma divertida expressão de menino travesso. Assim que a conheceu, Mickey começou a fazer-lhe a corte. Com os seus dezanove anos, Ava era extremamente ingénua. Para ela, o facto de um homem se interessar por si significava que deveria casar-se com ele... sem se deter a pensar que podiam existir diferenças de temperamento e de caracteres. Naquela época, Mickey Rooney era o actor mais popular do momento... e aquilo era um trunfo mais a seu favor. Desde aquele dia passaram muitas horas juntos nos estúdios; Mickey aproveitava todas as horas e ocasiões para se reunir com ela: simpatizaram muito, e os olhitos travessos de Mickey exerceram sobre Ava uma poderosa atracção... Julgou sinceramente que estava enamorada dele, que aquela simpatia mútua, aquela atracção, eram o amor há tanto tempo esperado.

Um dia em que Mickey, tomando-a docemente nos braços, lhe sussurrou ao ouvido: — Ava querida, és a mulher mais formosa que tenho conhecido... — a rapariga soube que não poderia resistir-lhe, e que se ele lhe pedisse que fosse sua esposa ela acederia de todo o coração. O facto de saber-se formosa (ela que tanto tinha sofrido pela sua pretendida fealdade!) e requestada, embriagou-a. Quando, instantes mais tarde, Mickey lhe pediu, de facto, que se casasse com ele, Ava responder com ardor:

— Sim, Mickey, quero... e depressa, muito depressa...

Ava e Frank Sinatra, no tempo em que pareciam formar um casal feliz.



Casaram em Abril de 1942, um ano depois da sua chegada a Hollywood.

Ava levava nesse dia um fato cor de cereja e na cabeça um chapéu com véu. Do lado esquerdo do peito um grande ramo de flor de laranjeira, símbolo de toda a ilusão e felicidade com que se entregava àquela união.

Só a inconsciência da juventude, no entanto, pode tomar como paixão enraizada e duradoira, o que não passava de ilusão dos poucos anos de ambos. Na realidade, Ava estava enamorada do Amor, não de um homem determinado. E adornou com as qualidades sonhadas no seu Príncipe, aquele que tinha sido o primeiro a oferecer-lhe o seu nome e a sua mão para toda a vida.

Para toda a vida! Uma vida bem curta certamente... Durante os meses que viveu com seu marido, Ava entregou-se aparentemente à vida vertiginosa e frívola de Hollywood, a que sempre tinha fugido; mas interiormente continuou a encerrar-se cada vez mais em si mesma. Sentia-se triste, deprimida e decepcionada... Mickey e ela não se entendiam; o amor não era o que tinha sonhado... Pelo menos o amor que Mickey lhe dava. Quanto ao matrimónio, Ava sempre sonhou que os matrimónios deveriam ser como o dos seus pais: cheios de compreensão um pelo outro, cheios de amor e de fé no futuro. Seu casamento com Mickey resultou num fracasso, e apenas um ano depois do casamento divorciaram-se.

Foi um desengano cruel para Ava. Refugiou-se no trabalho. Os estúdios tinham-lhe dado a tão desejada oportunidade num filme intitulado «We where dancing», que passou despercebido, mas dando-lhe no entanto a magnífica ocasião de se aperfeiçoar. Pouco a pouco, em papéis progressivamente mais importantes, foram-na preparando para o «estrelato». Filmou em pouco tempo várias películas: «This times for keeps», «Kid glove Killer», «Pilot n.º 5», «Swing fever», «Yonugideas», «Ghost in the nigth», «Three men in white», «Maisie goes to Reno»... E o seu nome começou a ficar tão popular como antes o seu rosto.

Em 1945, e com doze películas no seu activo, Ava tinha-se situado magnìficamente em Hollywood, embora não tivesse alcançado o cume da glória. Já não era a menina medrosa e cheia de complexos que ali tinha chegado em 1941, sendo todavia ainda incrédula e surpreendida. Agora sabia que era formosa; sabia que era atraente e queria a todo o custo ser feliz. Não gostava da solidão, nem sequer da recordação da sua última aventura amorosa. Quase às cegas refugiou-se novamente no casamento.

Tinha conhecido no clube Mocambo um rapaz muito simpático: chamava-se Artie Shaw. Era alto, uma figura bonita, moreno, dirigia a orquestra do clube e tinha, como ela, uma paixão louca pela música de «jazz». Encontraram-se uma noite em que Ava tinha ido ali acompanhada de Van Helfin e sua esposa. Ele foi buscá-la para dançar, e quase em seguida surpreenderam-se por se entenderem tão bem a dançar.

— Você dança maravilhosamente... Quem a ensinou?

— Nos estúdios! Assim que cheguei a Hollywood comecei a estudar dança: primeiro «balet», e depois danças modernas. Gosto de dançar, sabe? Às vezes em casa ligo o rádio e depois danço sòzinha pelas salas...

— Só? Mas é possível que uma rapariga tão linda como você esteja alguma vez só? No que estão os seus amigos a pensar? Oiça, tive uma ideia: porque não me chama você pelo telefone sempre que se sinta só?

— Mas é que...

Ava não se atreveu a dizer que estava sempre só, que a sua vida era triste e desamparada. Depois daquela noite encontraram-se várias vezes. Pouco a pouco, Ava foi-se acostumando à companhia de Artie: era divertido, e ensinava-lhe muitas coisas que ele ignorava, e novamente cometeu o erro de acreditar que aquilo era o Amor. Quando se casaram prometeu a si mesma que daquela vez seria feliz: tinha que sê-lo.



Ava é considerada uma das mulheres mais belas de Hollywood.

Ao princípio tudo parecia correr bem. Mas ao fim de poucos meses de casados, assim que retomaram o ritmo da vida cotidiana, com os respectivos trabalhos, a incompatibilidade de carácteres manifestou-se em toda a sua crueza. Artie era um apaixonado da leitura; lia tudo quanto lhe caía nas mãos; Ava, pelo contrário, era despreocupada em tudo que dizia respeito a livros, chegavam até a aborrecê-la; por vezes até se ria de Shakespeare, o que irritava bastante Artie. Ava gostava de falar durante horas e horas sem descanso... Artie era um homem de poucas palavras, talvez mesmo um pouco taciturno... Aborrecia-o o constante palavriado de sua mulher... E ainda por cima tinha ciúmes dela: ciumento da mulher e da artista. Pois Ava ia subindo ràpidamente as escadas da fama. A sua estrela brilhava agora com mais fulgor do que nunca. Foi quando filmava «The Hucksters»



Em «As Neves de Kilimanjaro», com Gregory Peck, Ava teve uma boa interpretação romântica.

sua vida, Ava deixaria tudo por ele... Prometeu a si mesma vigiá-la, cuidar dela, e evitar, na medida do possível, que ela sofresse um novo desengano.

Mas agora era difícil vigiar Ava, e mais difícil ainda impedir que os homens a assediassem. A menina de cabelo avermelhado e sem encanto que era na infância, tinha dado lugar a uma mulher espantosamente formosa, uma mulher com uma personalidade e um temperamento vincadíssimos. Os seus olhos verdes, transparentes como as algas terras que o mar arroja à praia, revelavam todas as ânsias de amor que encerrava no seu ser. Decidida, no entanto, a aboli-lo e a afastar o amor do seu caminho, Ava entregou-se a uma vida de constante diversão. As exigências do seu trabalho, levavam-na de festa em festa e de reunião em reunião; assistia a todas as festas de gala da Imprensa, a todas as «premières» se deixava acompanhar por todos os homens que a solicitavam, despertava paixões tumultuosas, poderosos arrebatamentos masculinos... Queria fundir-se na vida... esquecer o amor...

Até que um dia... Foi em casa de uns amigos íntimos. Celebrava-se uma das muitas festas nocturnas de Hollywood. Havia champanhe, e Ava tinha bebido muito. Estava alegre, muito alegre... Sentia-se feliz... E, de repente, teve, como em menina, a necessidade de andar descalça sobre a erva. Não pensou duas vezes. Tirou os sapatos, e rindo ingènuamente, feliz como uma criança, saiu para o jardim. Estava uma noite muito quente. A lua iluminava pàlidamente os arbustos. Fatigada e suada, Ava sentou-se no chão junto da piscina. De repente, deu conta de que não estava só. Um pouco mais acima estava uma sombra.

— Quem está aí? — perguntou, medrosa.

— Não te assustes, Ava... Sou Frank Sinatra, não te recordas? Acabaram há pouco de nos apresentar...

Sim, tinham sido apresentados há uns instantes. No entanto, Ava teve a impressão de o ter conhecido sempre. E soube também que aquele homem delgado, insignificante, melancólico, personificava o amor há tanto tempo esperado. Falaram durante bastante tempo: não tiveram a noção do tempo, até que começou a amanhecer.

— Deve ser muito tarde, Ava... Acompanho-te a casa...

— Sim, Frankie.

Ao despedir-se dela, Frank abraçou-a e beijou-a longamente.

★

Assim começou o idílio. Um idílio impetuoso, avassalador. Desta vez, Ava não estava enganada. Desta vez, sim, aquilo era amor, o verdadeiro amor com que sonhara desde menina. Um amor difícil, desejado, no entanto mais absoluto. Mas Frankie não era livre. Ao princípio, Ava quis recuar, fugir daquele sentimento que a atraía para Frank... Mas o rapaz forjava todas as ocasiões para a ver; no entanto, Ava continuava a tentar fugir da sua constante presença... Pois como ela, Frank soube desde o primeiro dia que aquilo era inevitável, que tinham nascido um para o outro, e que seria inútil que alguém tentasse interpor-se no seu caminho.



Vários têm sido os homens célebres apontados como «o próximo marido» da turbulenta «estrela». Um deles foi o toureiro Luís Miguel Dominguin, com quem a vemos aqui num cabaré. O idílio gorou-se, e Dominguin viria a casar depois com Lucia Bosé.

Um dia em que o actor a foi visitar à casa da colina, Ava quis terminar com tudo:

— É inútil, Frankie. Não podemos continuar com isto... É melhor que não nos voltemos a ver. A tua mulher...

— Não nos voltarmos a ver? Mas, Ava, isso é o mesmo que pedir-me que renuncie à vida. Gosto de ti demasiadamente. Nada me importa: nem Nancy, nem a arte, nem a fama... Só desejo mirar-me nos teus olhos verdes, em que tantas vezes sonho durante a noite... Tu sabes que já não pode ser doutra maneira, Ava...

Beijou-a loucamente num daqueles arrebatamentos que o faziam irresistível. Ava claudicou. Ao princípio procuraram ser discretos, manter em segredo aquele amor. Mas o amor não pode permanecer oculto, e eles viviam consumidos por um fogo abrasador. Muito depressa, tudo aquilo era do domínio público. As pessoas começaram a falar, os jornais publicaram fotografias dos dois enamorados, Nancy Sinatra começou a alarmar-se, e toda a cidade parecia pendente de Ava e Frank. Bappie preocupou-se sèriamente.

— Ava, isto não pode continuar assim. Estás a estragar a tua vida. Trabalhas demasiado. Todo o mundo fala de ti. Porque não aceitas esse contrato para filmar em Londres e em Espanha? Fazia-te bem um pouco de descanso, longe daqui... e de Frankie. No teu regresso tudo será di-

ferente. Talvez Nancy tenha acedido a divorciar-se. Mas agora...

Ava compreendeu que sua irmã tinha razão. Bappie tinha sempre razão; por isso, era a única pessoa no mundo em que ela confiava. Aquela situação estava a tornar-se intolerável para todos. Gostava de Frank com todo o coração, mas as dúvidas atormentavam-na. Que lhe prepararia o destino? Acederia Nancy a divorciar-se? E se não acedesse, teria ela forças suficientes para afastar Frank do seu lado? Sim, sim, o melhor seria pôr alguns milhares de quilómetros entre eles. Partir, fugir, descansar.



Sobretudo descansar... Tinha os nervos destroçados; aquela tensão constante em que vivia, aquela perseguição de Frankie... Pois era inútil que ela fosse para outro Estado, era inútil que os seus compromissos a retivessem longe de Hollywood. Frank sabia sempre encontrar maneira de reunir-se a ela... E, então, os seus encontros eram impetuosos, avassaladores, cheios de censuras, zangas e doces reconciliações. «É o que mais amo no mündo... e tenho que fugir dele!», soluçava Ava. Sorriu tristemente. O Destino era cruel para ela, pelo menos cruel para a mulher. Toda a sua vida sonhando com o amor, com o Príncipe Encantado, e quando, por fim, o encontrava...

Partiu inesperadamente para a capital de Inglaterra sem se despedir de Frank. Os seus compromissos levaram-na, depois, a Espanha, para filmar os exteriores de «Pandora», juntamente com James Mason.

A Costa Brava Catalã foi um magnífico sedativo para Ava. A chegada causou verdadeira sensação, despertou admirações e preocupaç Pescadores, personalidades do cinema, da imprensa e da rádio, renderam seus pés. Todos admiraram a bela mulher que chegava de terras distantes o coração destroçado... Ava começou a encontrar-se novamente a si me; os seus olhos verdes identificaram-se com o mar. Era como se de repe um pedaço daquele mar se tivesse infiltrado em toda a sua pessoa: a rebe, a languidez, o mistério, a sedução... Aquela sedução que exercia sobre dos que a rodeavam.

Uma bela manhã em que estava estenda sobre as belas areias de S. Agaró, em frente ao mar tranquilo e plácido olhos verdes de Ava poisaram-se noutros negríssimos que a olhavam com ração. Um homem atraente, moreno,



Ava nos seus dois últimos filmes. A esquerda, em «A Cabana», e nesta foto, em «Destinos Cruzados».



Stewart Granger e Ava formam um bom par romântico na película «Destinos Cruzados», quase totalmente filmada no Paquistão.



contemplava-a, absorto. Parecia que com um simples olhar queria arrebatar-lhe toda a alma e todo o seu corpo. Ava levantou-se, aborrecida. Conhecia-o vagamente; sabia que era um dos seus companheiros de filmagem, um espanhol, mas não recordava o nome.

Alguém disse:

— É Mário Cabré, o toureiro...

O que se seguiu mais tarde nem a própria Ava o sabia explicar. Mário exercia sobre ela uma atracção estranha; a rapariga não sabia se era o homem ou o toureiro que a fascinava. O que é certo é que começou a sair com ele, que escutava, entusiasmada, os seus versos, e que enlouquecia quando o via na «arena». Não tinha esquecido Frankie... Mas aquele homem era diferente de todos quantos tinha conhecido... E demais Frank estava tão longe. Os jornais começaram novamente a murmurar. A imprensa sensacionalista fez eco daquela amizade entre eles, os rostos de Ava Gardner e Mário Cabré ilustraram as capas de todas as revistas. Ava não dizia nada, não fazia declarações. Mário, pelo contrário, declarava, radiante, a todos que o queriam escutar, que Ava era a mulher dos seus sonhos, que jamais tinha querido a outra mulher, que por ela seria capaz até de se matar...

Frankie estava longe, mas não o bastante que não chegassem até ele os rumores relacionados com a sua bela noiva e o toureiro espanhol.

Impulsivo, violento, ciumento como era, Frank apanhou o primeiro avião que saía para Espanha e apresentou-se em S. Agaró, trazendo à sua adorada, como prenda, um lindíssimo colar de esmeraldas. Nas cálidas noites de Agosto, junto às barcas abandonadas, Ava e Frank passearam o seu amor apaixonado, os seus ciúmes mútuos, as suas promessas eternas...

— Fizeste-me muito mal, Ava! Quando lá longe, em minha casa, pensava em ti e nesse... nesse Cabré, julguei que ficaria louco...

— Cala-te! Não penses em nada... Voltáste... Estás aqui a meu lado... Querido... Amo-te, amo-te... Só a ti...

— Vem comigo para Hollywood, querida. Casamo-nos em seguida. Nancy acede a divorciar-se. Assim que chegar

apresentei a petição. Em poucos meses serei livre e, então, poderemos unirmo-nos para sempre...

— Sim, querido, para sempre, para sempre...

Mário Cabré, só e abandonado, preocupava-se em acabar um livro de poemas que queria oferecer à actriz, como recordação do seu amor impossível, antes que esta regressasse aos Estados Unidos.

★

Ava e Frank não puderam, no entanto, regressar juntos. Ava tinha os seus compromissos na Europa. Quando, por fim, se reuniu com ele em Hollywood novas zangas e reconciliações precederam a boda, que esteve quase a não se celebrar. Parecia que os dois só se sentiam felizes em constante contradição. Tanto Ava como Frank eram pessoas de temperamento intenso, apaixonadas e explosivas. E amaram-se loucamente. Quando, por fim, se casaram, parecia que todos respiraram, aliviados. A boda realizou-se em Filadélfia, em casa do costureiro Lester Sachs. A festa foi animadíssima; bebeu-se champanhe; assistiu grande número de convidados, e houve uma nota sentimental e terna: um telegrama de Nancy Sinatra, que dizia: «Sempre desejarei imensa sorte e felicidades para Frank». Ava, sempre para as lágrimas, chorou emocionada. Frank não disse nada, mas a sua cara magra parecia mais pálida do que nunca.

O casamento, no entanto, não foi feliz. As zangas continuaram, desta vez mais intensas. Ava sentia ciúmes de um olhar, de um gesto, de uma distração de Frank. Ele era susceptível, incapaz de tomar as coisas como elas eram na realidade. Um dia em que Ava, ao regressar dos Estados Unidos, lhe falou de um actor a quem a tinham apresentado, gabando o seu bom tipo e o atractivo físico, Frank julgando que nas palavras da mulher havia um propósito deliberado de o mortificar, teve uma explosão de ciúmes mais violenta do que nunca.

Ava enfureceu-se e saiu de casa, dirigindo-se para Palm Spring. Frank, entretanto, passeava furiosamente pela casa, falando só e fumando nervosamente. O silêncio da casa fê-lo recapacitar. Acalmou-se, e uma grande tristeza o invadiu. Sentia a falta de sua mulher. Sem pensar mais um instante, meteu-se

no carro e foi procurá-la. Quando se encontraram, a reconciliação foi maravilhosa. Ambos queriam ter a culpa, e as explicações confundiram-se:

— Não devia ter dito aquilo, meu amor — murmurava Ava, sentada no colo de seu marido.

— Perdoa-me, sou um bruto. Não quis ofender-te — suplicava Frank.

Estas zangas pareciam ser o sal e a pimenta do casal Sinatra. Os maiores obstáculos eram sempre os de ordem profissional. Pelo amor de Ava, Frank tinha arriscado a sua reputação, o seu trabalho e a admiração do público. Abandonou o lar, a mulher, os filhos, e como resultado de tudo isto, a Metro abandonou-o a ele. Já não encontrava trabalho em nenhuma parte: era um homem acabado. A carreira de Ava, pelo contrário, parecia subir vertiginosamente desde que se tinham casado, quase em igual proporção que a de cadência do marido. Havia, além disso, outras causas para que o matrimónio construísse, desde o princípio, o seu lar sobre areias movediças. Frank era um homem que vivia constantemente na defensiva, e tão rápido para zaragatear como para perdoar. Sofria, além disso, duns ciúmes horrveis e constantes: sabia, por experiência, o poderoso atractivo que Ava exercia nos homens, e queria tê-la sempre a seu lado, só para ele, afastá-la da sua carreira. Tudo isto dava ocasião a que a vida em comum fosse uma constante sucessão de zangas e reconciliações. Mas, como costuma suceder, o excesso de sal e pimenta acaba por estragar os paladares. À medida que o tempo corria, a situação entre Ava e Frank foi-se tornando cada vez mais impossível. Ao fim duma discussão que parecia mais violenta do que as outras, Ava partiu para a Europa, disposta a não regressar mais. Aquilo pareceu o fim. Mas Frank, desesperado, arrependido, atacou-a com telefonemas, e tanto rogou, que Ava acedeu a regressar novamente para junto de seu marido. Uma nova questão, desta vez mais violenta do que qualquer delas, e Ava decidiu pedir o divórcio.

Isto ocorreu em 1954, depois de três anos de um amor apaixonado e de zangas constantes.

★

Novamente o amor fugia de Ava... Novamente a actriz vencia a mulher. Naquela época ofereciam-lhe papel atrás de papel, e até chegou a suplantar Lana Turner como a actriz mais «atraente» de



Ava afirma que nunca desejou ser mulher fatal. «Eu não passava de uma simples rapariga da província. O que os cinéfilos conhecem de mim, é um produto de Hollywood!».

momento. Quando se estreou «Mogambo», Ava demonstrou que, além de ser formosa e atraente, tinha um indiscutível e autêntico temperamento dramático. Seguiram-se a essa muitas outras películas: «Estrela do Destino», «Magnolia», «As neves do Kilimanjaro», «Os cavaleiros da Távola Redonda», «A condessa descalça», filmada em Itália com Rossano Brazzi como companheiro.

E foi na cidade eterna, numa festa, que Ava conheceu um outro toureiro espanhol: Luís Miguel, «Dominguin». O idílio entre ambos foi inevitável.

Quando Luís Miguel teve que regressar a Espanha, Ava fez frequentes viagens de Roma até Madrid e Barcelona para se reunir com ele. Mas a verdade era que o amor não fora feito para Ava. Depois de um idílio turbulento que levou o toureiro até Hollywood, atrás da arrebatadora Ava, Luís Miguel anunciou oficialmente o seu noivado com a actriz italiana Lucia Bosé.



Num intervalo de filmagens

Ava ficou só... em frente do seu novo fracasso de mulher. A actriz que havia nela não podia desejar mais celebridade... Mas a mulher...

— Sabes, Bappie? Creio que a mamã conhecia o segredo — disse um dia, tristemente, a sua irmã, com os olhos cheios de lágrimas. — Ainda depois da morte do papá, foi feliz com as suas recordações, e não a amarguraram dolorosas frustações como a mim... Sim, Bappie querida, creio que só ela conhecia o segredo... Por um amor como o seu eu renunciaria a cinquenta mil carreiras artísticas

Mas Ava não pode já renunciar à sua arte. Continua a esperar pelo amor, embora não tenha conseguido jamais a felicidade sonhada. Por isso algumas vezes quer aturdir-se a si mesma, perder a consciência da vida real... E bebe, bebe loucamente, ansiosa de se submergir no esquecimento...

Bappie acompanha-a, resignada, e quando o sangue irlandês de Ava lhe começa a ferver no corpo, fazendo-a perder os estribos... ali está ela para a acal-



mar, para consolá-la, como nos dias já distantes da sua infância...

Pois embora o copo seja de fino cristal e o seu conteúdo champanhe de marca, pode acaso uma mulher tão jovem e tão bela confiar a sua felicidade ao paraíso artificial, que é o esquecimento?





O famoso cómico italiano WALTER CHIARI será o próximo marido de AVA GARDNER?



A serena expressão dos seus olhos, simultâneamente doce, estranha e sedutora, é uma das características de Ava que mais perturbam os seus admiradores. Estas duas fotos chegariam bem para nos convencer disso.

Ava Gardner e o famoso cómico italiano Walter Chiari conheceram-se há quatro anos. Foi em 1953, em Roma, quando Ava estava a filmar, na Cinecittá, «A Condessa Descalça». A «estrela» assistiu à representação de uma revista de Walter, e divertiu-se bastante com a imitação que ele fazia de seu marido Frank Sinatra. Foram apresentados, e nenhum dos dois pensou que esse conhecimento poderia ir além de uma simples amizade.

Walter Chiari estava, então, noivo de Lucia Bosé, e sinceramente apaixonado por ela. No entanto, a artista italiana rompeu inesperadamente o noivado, e, pouco tempo depois, quando foi a Madrid interpretar «A morte de um ciclista», matrimoniou-se com o toureiro Luís Miguel Dominguin.

Entretanto, Ava Gardner — que, por curiosa circunstância também havia alimentado um idílio com Dominguin — regressou à América. Walter, que não a esquecera, esperou pacientemente uma oportunidade de tornar a avistar-se com



Ava com o popular cómico italiano Walter Chiari, que será o seu próximo marido. Pelo menos, já anunciaram oficialmente o casamento...

nalmente em Londres para interpretarem juntos uma película. De então para cá decorreram alguns meses e não mais se separaram. De Londres foram juntos para Roma e dali para Madrid, num breve período de férias na capital espanhola, após o que seguiram para Torino, para assistirem à estreia da revista «Boa Noite, Bettina». Foi durante este período que, justamente, se divulgou o rumor do seu próximo casamento, uma vez que Walter levara Ava a Milão, a casa de sua família.

O actor não se retraiu de afirmar aos amigos os seus sentimentos. Porém, a estranhos e principalmente a jornalistas costuma afirmar: «Ava Gardner é uma mulher extraordinária, excepcional, única, mas eu não estou apaixonado». Basta, no entanto, olhá-lo bem nos olhos para se poder perceber que o seu amor é verdadeiro.

ela — agora que ficara desfeito o seu romance com Lucia. Esperou dois anos. Essa atitude passiva foi devida ao seu carácter, pois, embora no «écran», seja geralmente um homem despreocupado e alegre, Walter é, na realidade, um tímido e, em frente de Ava essa timidez transformava-se em admiração e também em escrúpulo.

Depois de tão longa separação, o cómico e a «vedeta» reencontraram-se fi-

A acrescentar a tudo isto está o anúncio oficial da boda, marcada para 28 de Dezembro deste ano, em Milão. Depois de ter dado publicidade à veracidade dos seus propósitos, Ava justificou-se deste modo: «Sempre que me apaixono ou suponho estar apaixonada, caso-me». E num momento de nervosismo, declarou: «Creio que, se depois desta nova tentativa, o meu casamento falhar, morrerei».

Claro que não devemos acreditar...

IMAGENS DA VIDA SENTIMENTAL E ARTÍSTICA DE UMA MULHER BELA





Ava Gardner nasceu em 24 de Dezembro de 1923, em Imithfield, na Carolina do Norte. Esta foto, tirada quando tinha quatro anos, revela-nos a criança de rosto solene, com o temperamento tímido que havia de acompanhá-la pela vida fora.



Aos cinco anos, a melancólica Ava foi para a escola. Mas esse ambiente novo não modificou o carácter da pequena, que se sentia sempre inferior junto das companheiras. O pai, Jonas Gardner, cultivava algodão e tabaco na sua pequena quinta, e esforçava-se por manter uma numerosa prole de seis filhos.



Aos 12 anos, fez a sua primeira permanente. Mas continuava convencida de que era muito feia. Sentia-se cada vez mais infeliz, torturada por esse complexo. As irmãs tentavam dissipar-lhe essa ideia do espírito, mas Ava, incapaz de vencer o seu drama, fechava-se em si mesma, numa dolorosa resignação.



Aos 14 anos, já com o aspecto de uma sugestiva mulher, Ava sentiu-se atraída pela vida da «grande cidade», e visitava frequentemente a sua irmã Beatriz, que residia em Nova Iorque. O seu primo Larry, que era fotógrafo, tirou-lhe este retrato. Os seus olhos profundos eram já estranhamente sedutores.



Tillie Clark, amiga de sua mãe, era uma das suas companheiras predilectas. Ei-las numa concorrida praia da Virgínia. Nesta altura, o maior sonho de Ava era casar cedo e constituir uma grande família, como seus pais.



Ava com 16 anos. Dir-se-ia já uma beldade sofisticada pelos cosméticos, perante a quase misteriosa sedução que se evolava de todo o conjunto do seu rosto. Neste tempo, fazia os estudos superiores, e, sem qualquer interesse especial, permitiu que seu primo enviasse alguns retratos seus para os estúdios da «Metro».



Chamavam-lhe, no «Atlantic Christian College», a «Beleza Campestre», mas Ava não ligava a essa elogiosa denominação. No entanto, os estúdios parece terem concordado sèriamente com as apreciações dos amigos de Ava, e apressaram-se a contratá-la.



Na fulgurante cidadela do cinema, o temperamento retraído de Ava tentou adaptar-se à frivolidade do ambiente. Nos «night-clubes», a nova «estrela» dançava entusiàsticamente com os «astros» famosos, como Robert Taylor e Mickey Rooney. Este, porém, oferecia-lhe mais qualquer coisa...



Mickey oferecia-lhe amor, e Ava retribuía... ou julgava retribuir. O romance terminou em casamento, uma cerimónia simples, realizada no dia 10 de Janeiro de 1942, em Ballard, na Califórnia. O pai de Rooney, Joe Yule, esteve presente a desejar-lhes as maiores felicidades.



Após frequentes rixas e reconciliações, esse matrimónio desfez-se irremediàvelmente em 1943. Esta foto, em que vemos Ava e Mickey a dançar, foi obtida na noite anterior à separação definitiva, quando Mickey tentava ainda reter junto de si a mulher.



A sua carreira cinematográfica estava ainda limitada a pequenos papéis, mas socialmente Ava progredia. De entre as companhias que escolhia com mais assiduidade, o aperaltado Artie Shaw era o que parecia agradar-lhe mais.



Logo se falou num idílio, e com tan razão que, em 18 de Outubro de 194 em Beverly Hills, Ava se tornou a senho Shaw. Não foi desta vez ainda, poré que ela encontrou a felicidade estáv e, oito meses depois, regressava ao s apartamento de solteira.



Ava entregou-se, então, com mais fervor à sua carreira. E conseguiu impressionar vivamente os produtores e o público com a sua interpretação em «The Killers», ao lado de Burt Lancaster. Surgira uma das mais deslumbrantes «mulheres fatais» do cinema!



Ava Gardner passou, dum momento pa outro, a ser o alvo de todas as atençõe Todas as grandes figuras de Hollywo disputavam o prazer de acompanhar «vedeta» nos locais mundanos. E surgia novos pretendentes ao coração de A como Peter Lanford.



Greg Bautzer, figura importante da capital do filme, foi outro da «lista». Deixou-se seduzir pelos encantos de Ava, mas parece que não tanto a ponto de pensar a sério no sagrado nó...



Na personagem de uma cantora de «night-club», em «The Hucksters», ao lado de Clark Gable, Ava alcançou outro êxito retumbante. E, entretanto, Howard Duff proporcionava-lhe novo romance amoroso. Tudo indicava que o casamento estava próximo...



Agora, no entanto, com o dinheiro que o triunfo lhe grangeava, a «estrela» preocupava-se menos com os assuntos do coração. Comprou uma casa (1949), e dedicou-se com entusiasmo às mil e uma pequenas tarefas de uma grande «vedeta». Vemo-la aqui a escolher a «próxima» cor de cabelo...



A provinciana morena transformou-se, então, em loira prateada, e a Liga dos Artistas da América proclamou o seu rosto como «o mais sensual». Ava, porém, não conservou muito tempo essa mudança, e voltou à cor natural do seu cabelo. A Liga não mudou de opinião...



Afinal, Howard Duff, apesar das mais veementes tentativas, não logrou conquistar o coração de Ava. E talvez tivesse sido este o principal motivo: Frank Sinatra acabava de entrar na sua vida, e desencadeava-se uma paixão recíproca, ardente e irresistível...



No melhor do seu belo idílio, Ava e Frank tiveram, inesperadamente, de separar-se. A «estrela» seguira para Espanha, a fim de rodar os exteriores de «Pandora», em que participava o actor-toureiro Mário Cabré. Este, um pouco ingènuamente, tomou o seu papel romântico demasiado a sério...



Os rumores acerca desse romance chegaram aos ouvidos de Sinatra, e este voou imediatamente para Espanha. Esta imagem foi obtida no rancho do toureiro, e nela vemos o sorriso despreocupado de Ava a contrastar com a expressão anuviada de Sinatra.

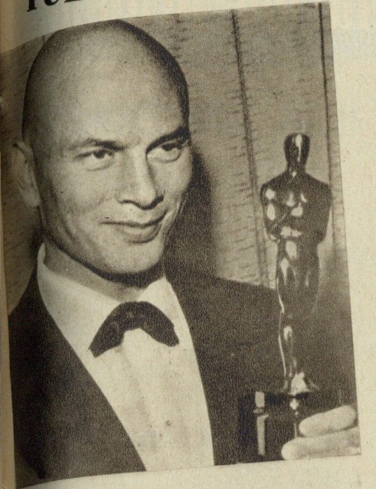


Frank não tinha, afinal, motivo para apreensões. Ava não estava apaixonada por Cabré, e terminadas as filmagens, regressou a Hollywood, deixando o toureiro inconsolável. Pouco tempo depois, Ava e Sinatra casavam-se. Matrimónio que faria Ava imensamente feliz — mas não para sempre...

Uma iniciativa em marcha!

Atenção, admiradores de

YUL BRYNNER e MARINA VLADY



Mereceu da parte dos nossos leitores o mais entusiástico acolhimento a notícia do nosso concurso, que vai permitir aos admiradores dos maiores ídolos do cinema, a publicação dos seus depoimentos, acompanhados das fotos de cada «fan». Esta oportunidade equivale a escrever directamente para o vosso artista preferido, com avantagem da inclusão da vossa foto.

Como dissémos no número anterior, basta enviar a vossa opinião sincera sobre os vossos artistas preferidos à redacção de «Álbum dos Artistas», Rua Saraiva de Carvalho, 207-P.

Já recebemos dezenas de respostas sobre Marlon Brando e Jeff Chandler. Neste número, o concurso alarga-se a Yul Brynner e Marina Vlady. Digam-nos quais os filmes destes artistas que mais agradaram à vossa sensibilidade e quais as características destes artistas que mais impressionaram os vossos olhos.

Continuamos a receber as vossas respostas e as vossas fotos



No número 3 de

«ÁLBUM DOS ARTISTAS»



Marlon Brando

O ACTOR MAIS ESTRANHO DE HOLLYOOD

- A sua biografia romanceada e amplamente ilustrada
- Os seus filmes — Os seus amores — Os seus complexos e manias

O RETRATO COMPLETO E VERDADEIRO DE UM GRANDE ARTISTA DA TELA

ÁLBUM DOS ARTISTAS

(2.º Volume — Fasc. 2)

Edição de Aguiar & Dias, Ltd.ª — Todos os direitos reservados para Portugal, em conformidade com a lei, na apresentação, disposição e conjunto da obra.
Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones 668639/668684 — LISBOA (Portugal).
Composto e impresso nas Oficinas Gráficas de BERTRAND (Irmãos), Ltd.ª.
Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa.







N. 3

PREÇ

2$00

FOTOGRAVURA NACIO